

12/7/1986

Conflito de PM com bóias-frias provoca duas mortes

Leme (SP) — Um conflito entre cerca de 1 mil trabalhadores rurais em greve, acompanhados por parlamentares do PT, e 200 homens da tropa de choque da Polícia Militar, terminou ontem de manhã com duas mortes e 22 feridos, abrindo uma nova crise de liderança dentro do governo Montoro e envolvendo o Partido dos Trabalhadores em mais um episódio policial. Os mortos são Cibele Aparecida Manoel, de 17 anos, e Orlando Correa, de 22.

O governador Franco Montoro considerou o incidente "um dos momentos mais sérios na construção da democracia", e anunciou uma "rigorosa e completa sindicância" para apurar as responsabilidades pelo conflito. A versão dos policiais insiste em que os grevistas, apoiados por militantes do PT, iniciaram o tiroteio. Os trabalhadores e o Partido desmentem esta acusação. O ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, responsabilizou a CUT pelos acontecimentos em Leme.

O conflito

O conflito, na divisa entre o Jardim Santa Rita e Itamarati, local em que reside a maioria dos 6 mil bóias-frias da região do Leme, começou pouco antes das 6h e durou cerca de 40 minutos. A Polícia Militar detonou bombas de gás lacrimogêneo e invadiu residências.

Na pacata cidade de Leme, com 60 mil habitantes, correm várias versões sobre o início do tumulto. A Polícia Militar garante que os disparos iniciais partiram de um Opala (segundo a PM com chapa fria) ocupado por parlamentares do PT. Os deputados federais Djalma Bom e José Genoíno, que sofreram escoriações, e o candidato a vice-governador de São Paulo pelo partido, Paulo Azevedo, que está com o braço enfaixado, asseguram que nenhum deles estava armado e nem sabem ao certo explicar como aconteceu a confusão. Eles chegaram ao local do piquete pouco depois das 5h e tentaram conversar com o capitão Vilar, que comandava o policiamento, para saber qual a orientação por ele recebida de seus superiores.

Souberam que a polícia iria cumprir um mandato judicial impetrado pelos usineiros, que garantia o acesso à roça daqueles que queriam trabalhar. Segundo Djalma Bom e Genoíno, não havia nenhum indício de que a violência iria eclodir. "De repente, a tropa de choque cercou a praça e partiu para cima dos trabalhadores com cassetetes."

"Ouvimos os disparos, mas pensamos que fossem tiros de festim", conta Genoíno. Segundo a Polícia Militar, foi encontrado um coldre vazio em poder do deputado José Genoíno, informação desmentida por ele. "Nunca tive uma arma de fogo", declarou. Segundo o major Mário Ghiselli Filho, subcomandante do 10º Batalhão da PM, em Piracicaba, testemunhas afirmam ter visto Genoíno atirando contra os policiais. Os tiros que teriam provocado a reação da polícia contra os grevistas partiram também de um Opala azul da Assembléia Legislativa de São Paulo, a serviço de parlamentares do PT.

Violência

Outra versão, colhida junto aos moradores do Jardim Santa Rita, indica que os incidentes começaram quando um grupo de piqueteiros quebrou com uma pedrada o pára-brisas de um dos ônibus que transportavam bóias-frias dispostos a trabalhar. A polícia entrou imediatamente em ação. Houve revide por parte dos bóias-frias, que, após as primeiras bombas e disparos, se enfileiraram atrás da estrada de ferro, a 500 metros da praça, e passaram a atingir os policiais com pedradas. Cinco policiais saíram feridos.

Os trabalhadores só perceberam que os tiros não eram de festim quando alguns começaram a tombar feridos na praça. "Me pegaram", foram essas as últimas palavras que Maria Aparecida ouviu de sua amiga Cibebe, que caiu morta. Os feridos foram socorridos nos dois Opalas dos parlamentares do PT. Orlando Correa só sabia repetir, no trajeto até o hospital, que estava se sentindo muito mal. Ele chegou ao hospital sem vida.

A onda de violência que atingiu Leme não parou por aí. Às 7h30min, o pelotão de choque da polícia invadiu a Santa Casa de Misericórdia à procura dos parlamentares e dos feridos. "Acho que teria havido uma chacina se eu não estivesse ali", comentou o vice-prefeito da cidade, Claudi Faccioli, que estava na Santa Casa acompanhando seu pai, internado com pneumonia. Os policiais tentaram apreender a maleta de mão do deputado José Genoíno, que despejou imediatamente seu conteúdo no chão. De acordo com o vice-prefeito, nenhuma arma foi encontrada nos carros dos parlamentares estacionados em frente ao hospital e nem mesmo um coldre vazio. "Só havia jornais velhos e chapas de carros."

Prisão

Meia hora depois desta investida, o policiamento retornou ao hospital e prendeu os deputados Djalma Bom e José Genoíno, Paulo Azevedo, o candidato a deputado estadual e sindicalista rural, Vitor Faria, e o presidente do Sindicato Rural de Araras — ao qual os trabalhadores de Leme estão ligados — Norival Guadagnin. "Durante uma hora eles rodaram pela cidade, conosco dentro do camburão, acusando-nos de agitadores", disse Genoíno. Depois de prestar depoimentos na delegacia, eles foram liberados.

Ao final da tarde de ontem, em uma assembléia emocionada que reuniu cerca de 500 trabalhadores, os bóias-frias decidiram continuar em greve e aos gritos demonstravam toda a revolta diante dos acontecimentos.

Ao falar aos trabalhadores, o bispo da diocese de Limeira, João Fernando Legal, repudiou a violência. "A Igreja não vai abdicar da sua defesa de fraternidade, amor e justiça. Queremos justiça e o cumprimento da lei para todos". Ele convocou todos os trabalhadores e a população de Leme para a missa campal que será realizada pelos mortos, boje. A necropsia dos corpos de Cibebe Aparecida Manoel e Orlando Correa foi feita em Araras sob alegação de que o necrotério de Leme não conta com uma câmara fria.

O carro

O automóvel Opala, placa fria MI-9964, que estava no local do conflito em Leme, pertence a Assembléia Legislativa e está à disposição da liderança do PT (deputado Geraldo Siqueira), afirmou ontem em São Paulo, o presidente da Assembléia, deputado Luiz Carlos dos Santos (PMDB). "É de esperar que o carro usasse as placas oficiais: só se usa as frias quando o parlamentar precisa passar despercebido. Mesmo no recesso, ele pode usá-lo", acrescentou Santos. O deputado do PT não estava, porém, em Leme.

(Página 13)